

## **IMAGENS RETRATADAS - dos oleiros e da cerâmica josefense**

**Maria Aparecida de Lima\***

“O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro de seu campo” (: “é a mesma terra”.

Pierre Lèvy.<sup>1</sup>

O ir e vir pelas ruas dessa cidade sempre agradaram-me, e mesmo não sabendo do ofício de historiador achava que era preciso saber olhá-la, pois que diziam ser “tão antiga”. Cidade que abrigava trabalhadores, mágicos, pois transformavam uma bola de barro em um vaso, uma moringa, um boião... e que hipnotizavam, com aquela maestria manual, esta expectadora.

O tempo passou e estas observações continuaram latentes e cheias de interrogações. Porque se para mim é magia, maestria - estas observações não são compartilhadas com a grande maioria dos “videntes”,

---

\* Maria Aparecida de Lima, natural de Lages-SC. Graduação em História (Faculdade de Educação de Fpolis/Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina). Ingresso no mestrado: 1994. Orientadora: Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

<sup>1</sup>LÈVY, Pierre. As tecnologias da inteligência; trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

porque a tomam como natural , e ainda atribuem análises às avessas para a estagnação e o processo de extinção desta atividade . E como os questionamentos continuaram, era preciso passar da observação para uma abordagem escrita, buscando nas imagens dispersas - que nos chegam da arte ofício dos oleiros inseridos na cidade de São José e cercanias - uma possibilidade de construir uma perspectiva histórica para esta atividade permeada pelas mais diversas análises e sentimentos.

Neste sentido, este texto tem por objetivo apresentar algumas formulações acerca desse processo de produção, iniciado em São José - SC por volta de 1750, e que se mantém praticamente inalterado até hoje.

No entanto, essa preocupação com a valorização/desvalorização, sobre o ofício do oleiro e dos artefatos por eles produzidos é minha. Sei que algumas pessoas também compartilham comigo, mas isto não é corrente, não é igual para todos, pois que são comuns comentários como este:

“...esta cerâmica é muito mal feita, feia e rústica e está fadada a se extinguir, pois não houve uma evolução em sua técnica de fabricação...”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Nas entrevistas com pessoas da comunidade, este é o parecer mais corrente para justificar o processo de extinção das olarias.



Mas comete-se ledor engano pensar que esta questão, da valorização/desvalorização, é algo recente, atual: no século XIX, os testemunhos, acerca de São José, registram a presença das olarias em relatos governamentais, assim como nos relatos de viajantes estrangeiros. Na leitura desses relatos é possível verificar a questão dos valores pessoais - culturais, econômicos, etc...- sobre a qualidade dos artefatos de barro.

Estas colocações procuram contextualizar uma atividade necessária, naqueles anos, mas considerada insalubre. Longe do ideal tecnológico atingido pelas cerâmicas européias (portuguesas e inglesas, principalmente) importadas por uma camada abastada da população, a cerâmica josefense era enquadrada como de má qualidade e suas peças cotadas de baixo valor comercial. A desqualificação, das peças fabricadas, pelo poder público, em 1816, é expressa da seguinte forma:

“A indústria é apoucada no que respeita aos produtos do reino mineral; contudo fabrica-se sofrível louça de diversas qualidades de barro, muita da qual se exporta(...)”.<sup>3</sup>

<sup>3</sup>BRITTO, Paulo Joze Miguel de. Memória Política sobre a capitania de Santa Catarina. Escrita no Rio de Janeiro no ano de 1816. Tipografia da Academia Real das Ciências. Lisboa, 1829. Reimpressa pela Sociedade Literária Biblioteca Catarinense. Livraria Central. Fpolis. 1932. p.65.

Resta-me dizer que o importante é remontar essas imagens na tentativa de desmontar essas noções construídas a partir de um modelo, também construído.

Revelando algumas imagens de um lugar, de um tempo e de uma atividade, não é ocasional meu interesse pela literatura de viagem. A condição de fontes primárias e a própria míngua documental sobre o assunto, tornam-na uma etapa promissora na construção dessa história.

A literatura de viagem, além de instrumento técnico dentro do comércio internacional - Inglaterra, França, Estados Unidos e Confederação Germânica - com o mundo ultramarino, também encontrava público leitor na Europa do século XIX. A “curiosidade” sobre este mundo ainda não cessara.

Desde Pero Vaz de Caminha, muitos viajantes aportaram em terras brasileiras com os mais diversos interesses. Eles escreveram sobre vários aspectos de nosso país. Com a abertura dos portos, a quantidade de estrangeiros que por aqui estiveram foi substancial. Muitos, também, foram os que estiveram pelas bandas da Província de Santa Catarina e mais especificamente, detiveram-se a olhar a outrora Desterro - a cidade, o centro dos acontecimentos, o centro da vida pública, a “Capital”.

Fronteiro à Capital, a Freguesia, depois Vila e Cidade de São José, no século XIX, era um lugar pouco visitado. Porém, quando esses forasteiros - os viajantes - lá chegavam, notavam a presença dessas “fábricas” de louça e tijolo. Auguste de Saint-Hilaire, botânico francês, era também um viajante, que passando por São José, fez o seguinte registro:

*“Um tipo de indústria característica de Santa Catarina é a fabricação de potes de barro, nos quais a água se mantém absolutamente fresca. Esses potes são exportados para o Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil”.<sup>4</sup>*

O naturalista discorre, também, sobre alguns detalhes técnicos acerca da argila:

*“O material usado na sua fabricação é uma argila de tom esverdeado, tirada de um lugar chamado Cubatão.”<sup>5</sup>*

E das peças:

*“Sua cor é vermelho-escuro e eles são lisos, luzidios e de textura muito fina. Os mais comuns, chamados moringas, têm uma forma arredondada, uma alça e dois gargalos, um com um orifício maior, que serve para encher de água o recipiente, e o outro, pelo qual se bebe, exibindo um buraco muito pequeno.”<sup>6</sup>*

<sup>4</sup>SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Santa Catarina; trad. Regina Regis Junqueira, B.H.: Ed. Itatiaia; S.P.: EDUSP. 1978. p. 184.

<sup>5</sup>Id. Ibid.

<sup>6</sup>Id. Ibid.

Os livros de viagem deixam aflorar esses aspectos da vida cotidiana.

Míriam Moreira Leite salienta esse aspecto:

“A percepção do visitante estranho está mais aguçada, por suas experiências anteriores, que a maioria dos habitantes. Como sempre viveu aquela realidade social e tem uma história pessoal engrenada à história e aos costumes do grupo social de que faz parte, o habitante, afora alguns observadores mais lúcidos, freqüentemente dá por suposto, toma como natural, uma situação ou relações sociais que, para o estrangeiro, aparecem com maior nitidez, por comparação com as suas maneiras de viver o cotidiano”.<sup>7</sup>

Pensando assim, pode-se tentar explicar a escassez de crônicas a respeito desses trabalhadores, pois tudo parecia andar conforme a “ordem das coisas”, “tudo era como deveria ser”, visualizando um cenário onde os atores, cada qual, tinha seu papel definido.

Essas imagens também contextualizam uma cidade ansiosa em respirar os ares “salubres” da tão aspirada “modernidade”. Esse chamar para si a “civilidade” é notado nos quatro jornais<sup>8</sup> de vida efêmera que circularam pela cidade entre 1913 e 1929.

Um exemplo: as propagandas veiculadas nestes periódicos. Falava-se de importadoras, do teatro, das próximas películas da Metro Goldwin Mayer, dos cafés, do asseio das padarias, etc..., mas nenhuma de olaria.

<sup>7</sup>LEITE, Míriam Moreira. (Org.) Condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. SP.: HUCITEC; EDUSP. 1984. p. 19.

<sup>8</sup>Entre 1913 a 1929 circularam pela cidade quatro periódicos, sendo: “O Astro”, “Luz”, “O Josephense” e “O Município”.



Assim parece possível afirmar a relação dessa sociedade com o trabalho da olaria como algo posto e colocado, porque não percebiam essa “história imóvel” que “não é uma não mudança, mas uma história muito lenta que parecia imóvel para as gerações que a viviam”.<sup>9</sup> Ou quem sabe, porque consideravam a atividade de pouca importância. Assim, se quisermos obter informações sobre as olarias, os jornais não são o veículo ideal, pois que envolvidos em divulgar ideais de progresso e civilização.

Pode-se afirmar, entretanto, que estas olarias continuaram existindo apesar de invisíveis para os jornais, ou seja, os oleiros continuaram existindo e produzindo. O livro de Impostos sobre Comércio e Profissão da Prefeitura Municipal<sup>10</sup>, registrava no exercício do ano de 1929 que eram 16 o número de olarias. Já em 1940 esse número vai para 29, segundo o mesmo livro. Penso que é impossível negar a participação econômica de 29 estabelecimentos fabris. A década de 40 parece ter sido a “época áurea” (na fala dos próprios oleiros) da produção. Nas décadas subsequentes, entre 1950 e 70, é verificada a diminuição dos estabelecimentos, assim

---

<sup>9</sup>ARIES, Philipp. Apud. FLORES, Maria Bernardete R. Memória e Festa. In.: História em debate. Problemas. Temas e Perspectivas. Anais do XVI Simpósio da ANPUH. R.J.: CNPq/INFOUR. 1991. p. 140.

<sup>10</sup>Acervo do Arquivo da Prefeitura Municipal de São José.

como, um redimensionamento na fabricação e no uso dos objetos de barro cozido.

Invisíveis, perante certos documentos, as olarias são, entretanto, lugares de memória. Embora não deixem seus próprios registros, através da cultura letrada, os oleiros adquirem com a experiência vivida a figura do narrador, do contador. Neste caso a memória desses artesãos resgata dois trabalhos: o de lembrar e o de saber fazer.

Na tentativa de preservar a memória de um processo de produção, iniciado em São José, Santa Catarina, por volta de 1750, que se mantém inalterado até hoje - tanto nos instrumentos de trabalho como o torno e o forno, assim como nas técnicas de fabricação - encontro os sujeitos que fazem essa arte-ofício, ou seja, o grupo de oleiros. Procuro, então, na evidência oral um ponto de partida, que através das entrevistas com os oleiros<sup>11</sup>, busco um evocar da experiência que se acumulou

<sup>11</sup>Os oleiros entrevistados estão relacionados abaixo, os mesmos aparecerão no texto sem nota de rodapé.

NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	DATA DA ENTREVISTA
Orlando	65 anos	Centro - São José	25/02/95
Luís	57 anos	São José	14/03/95
Osvaldo	70 anos	São José	14/03/95
Duca	68 anos	Ponta de Baixo-São José	16/03/95
Clóvis	41 anos	Barreiros-São José	14/03/95

desordenadamente ao longo da vida e que está guardada na memória: de vida, do trabalho, do cotidiano, enfim.

Passados quase duzentos e cinqüenta anos da chegada dos primeiros artesãos açorianos a São José, encontramos senão os descendentes, pelo menos os discípulos do ofício. Neste caso a evocação da memória destes sujeitos remete ao ofício que é seu grupo de referência.

As histórias narradas por este grupo remontam às décadas entre 1940 e 1970, quando o número de olarias atingiu seu ápice. Também verifica-se neste momento o início de um processo de decadência.

Verificado a partir de 1940, mas percebido preocupadamente na década de 1970, o processo de extinção das olarias tornou-se público, várias oficinas fecharam suas portas devido a uma queda vertiginosa na produção. Ao problema econômico somou-se o desaparecimento dos oleiros mais velhos, aí teremos mais um sinônimo de extinção. “Seu Duca” conta essa experiência:

“O que aconteceu na diminuição das olarias, dos oleiros, é que a maioria dos oleiros antigos faleceram todos. E os que aprenderam foram poucos, então a redução das olarias foi nisso aí, quer dizer, então ficaram poucos oleiros e a produção diminuiu bastante, naquela época (aproximadamente em 1940) tinha bastante oleiro, a produção era grande”.

“Seu Duca” precisou lembrar para contar. Lembrar sobre seu ofício significa evocar a memória de seu trabalho que é sua referência. Além do trabalho, outros traços são comuns: as lembranças, as angústias e os temores com relação à extinção de sua tradição. Essa dimensão do trabalho “por um fio” é como ele exprime a questão.

“Eu comecei com 8 anos”, conta Sr. Orlando. “Fui trabalhar de empregado em olaria e depois eu botei isso aqui para mim” (vende seus produtos na loja em frente a casa e a oficina fica nos fundos da residência). Dos meus filhos nenhum quis aprender, ninguém quis...é isso aí...então no final o que vai acontecer? Vai se acabar...não tem ninguém que faça né?” O “seu” Luís acha que “os filhos não querem mais aprender porque é uma profissão que a pessoa está mais sujeita a ela. E também porque o oleiro não pode trabalhar no horário senão ele não ganha o dia, e tem muita gente que não gosta de se sujar...então procuram outro servicinho...” e o Sr. Osvaldo completa: “Sou oleiro há sessenta anos. Tenho cinco filhos, um aprendeu o ofício mas não seguiu. É um serviço muito difícil...muito difícil...por isso ninguém quer mais, os meus filhos dizem: Ah! O pai trabalha toda a vida aí e não passa disso...o que eu vou fazer? Então eles não quiseram...não quiseram seguir”.

Açambarcada pela modernidade, as ações da experiência estariam em baixa? Se “o ritmo do trabalho artesanal se inscreve em um tempo mais global, tempo onde se tinha justamente, tempo para contar”<sup>12</sup> Porque esse saber fazer está diluindo-se? Eu arriscaria dizer que não há mais tempo para ouvir, pois o turbilhão da modernidade deve ser, a cada momento,

<sup>12</sup>BENJAMIM, Walter. Walter Benjamin ou a história aberta, in: Obras escolhidas. Magia Técnica, arte e política, 6ª ed., S.P.: Brasiliense, 1993. p. 11.



mais moderno. No entanto, pensar esta questão assim é insuficiente, assim como, é insuficiente e prematuro reduzir a questão da extinção das olarias apenas do ponto de vista técnico:

“A não-evolução das técnicas de fabricação e a não-modernização dos aparelhos fabris é que causaram a decadência da indústria oleira...”<sup>13</sup>

Essa observação, bastante contumaz, referenda o imperativo tecnológico, no qual o homem “moderno” constrói máquinas e conquista a natureza. Essa distorção tem levado a um reducionismo onde somente a “fabricação e utilização de ferramentas tem sido o fator determinante e essencial de evolução”.<sup>14</sup>

Essa visão centralizada na tecnologia artefactual é o que Mumford<sup>15</sup> tem denominado “o mito da máquina”. Lançando-se a essa “crença”, o homem, na busca dos dispositivos técnicos que o tornam “moderno”, subestima as suas próprias tradições em função de um precário desenvolvimento de suas técnicas e de seus produtos.

Contudo, as olarias existem, assim como, existem sujeitos que experimentaram suas relações produtivas como necessidades e interesses.

---

<sup>13</sup>Nas conversas com os moradores mais antigos de São José, essa é a principal questão levantada para analisar o declínio das olarias.

<sup>14</sup>ÁLVAREZ, Àlvar, MARTÍNEZ, A. & MÉNDEZ, R. Tecnología em Acción. Barcelona: Editorial Rap. 1993.

<sup>15</sup>MUMFORD, Lewis. Arte e Técnica. S.P.: Martins Fontes. 1952.

Embora reduzidas em número, elas não acabaram. O Sr. Clóvis experimentou outras profissões, mas ele sabia fazer e isso ninguém podia mudar:

“...aprendi com doze anos, com uns vinte desisti...eu desisti numa época porque eu não tinha muito incentivo, depois achei que podia melhorar...então com uns trinta anos recomecei a trabalhar. Trabalhava com meu pai...Ele, meu avô, meu bisavô e também meus tios por parte de pai e de mãe, todos trabalhavam com barro”.

Assim, aproprio-me das palavras benjaminianas, pois “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo”<sup>16</sup>.

...E a olaria não se extinguiu, porque ainda existem “contadores”, experiências e meio de sobrevivência. Àlvar Àlvarez em *Tecnología em Acción* chama isto de adaptação ao meio (aproveita o meio disponível); no entanto, quando torna-se impossível satisfazer uma necessidade entra em jogo um novo tipo de ação: construir o que não se encontra; produz-se, então, a adaptação do meio. A estas duas adaptações Àlvarez define, num sentido amplo, como “Esquemas de Ação”. Essa adaptação encontra no

---

<sup>16</sup>BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire, in: *Obras escolhidas III*. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo, 3a ed., S.P.: Brasiliense. 1994.p.107.

redimensionamento dos artefatos de barro o meio de sobrevivência: saem do uso utilitário e reelaboram-se novos usos como o decorativo, assim como novos espaços de comercialização - o turismo.

Uma das percepções dos oleiros entrevistados com relação à questão da diminuição do número de olarias é o desinteresse dos mais jovens, mas esta avaliação não encontra semelhança nas análises da historiografia local, para a qual a questão tem outra explicação.

Assim, a historiografia referenda o período pós-45 como o período de desenvolvimento da indústria de base. É neste contexto modernizador que tem início o funcionamento da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda. Souto refere-se que nesse ano começaram a ser produzidos no Brasil barras de ferro, folhas de flandres e chapas de aço, necessárias ao funcionamento de outras indústrias: de ferramentas, pregos, parafusos, latas, motores, automóveis, aviões, navios e utensílios de cozinha. Em Santa Catarina, Américo Souto<sup>17</sup> refere-se às décadas de 1945-66 como um período de acentuação dos ramos dinâmicos na economia do Estado. A Siderurgia era um desses ramos. Observa, ainda, que em Santa Catarina, na

---

<sup>17</sup>Santa Catarina. Centro de Assistência Gerencial. CEAG/SC. Evolução histórico-econômica de Santa Catarina; estudo das alterações estruturais (séc. XVII-1960). Fpolis: CEAG/SC. 1980. p. 125.

segunda metade da década de 1950, é verificada uma tendência nesta direção, em particular, para o metal-mecânico.

Ondina Pereira Bossle<sup>18</sup> assinala que os artefatos de ferro e aço atingem o aumento de 426% nas exportações catarinenses em 1942. Tal fato demonstra uma valorização dos produtos industriais no mercado consumidor. A análise da autora conclui que a “evolução da estrutura produtiva catarinense deve-se, sem dúvida, à participação do aço e sua crescente representatividade junto aos produtos tradicionais da exportação catarinense e nacional”.

Assim, a historiografia aponta que os metais manufaturados começam a despontar no mercado. O barateamento que o processo industrial propicia, não encontrou dificuldades para a expansão do metal nos diversos afazeres do dia a dia. Assim foram sendo incorporados, afirmando, ainda, sua praticidade e durabilidade. Os produtos de argila tornaram-se menos competitivos, além disso são quebráveis e o processo artesanal encarece o custo das peças.

Na fala dos entrevistados esse “progresso”, esse “modernizar” é também referenciado. O avanço do industrialismo, o surgimento de “novos

---

<sup>18</sup>BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense*. (Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro). Fpolis: CNI/FIESC. 1988. pp. 120 e 121.



materiais” como o alumínio e o plástico, também são uma tônica do contar desses artesãos. Esses contadores retiram da própria experiência o que contam. Assim, a percepção que têm desses “novos materiais” é relatada:

“...veio o plástico...veio o alumínio...então tirou um pouco, quebrou um pouco as vendas nas olarias...das panelas e daqueles utensílios domésticos que nós fazíamos antes...então sempre quebrou um pouco”, diz “Seu Duca”, “aí eles...esse pessoal, decerto das fábricas de alumínio e de plástico, começaram a dizer que a louça de barro, e aquele vidrado fazia mal...e era tudo mentira. A louça de barro teve esse caimento por causa disso”.

“A louça de barro, hoje em dia sai mais para decoração...” continua Sr. Osvaldo, “...sai muito pra turista...pra uso mesmo muito pouco...”. O Clóvis tem sua percepção: “hoje quem está usando é a classe média pra cima...antigamente era o pobre, hoje não. Um compra uma panela de barro e acha que serve como porta revista...compra um pote qualquer coloca num canto da casa e acha que pode servir como um porta-guarda-chuva...”

Esses depoimentos mostram como cada um experimentou essa “modernidade”, esse “civilizar”, onde nem sempre há lugar para a convivência com a tradição. Neste caso, o redimensionamento da função dos objetos, antes utilitária, é agora permeada por faíscas de possibilidades.

Porque:

“O homem é um ser que tenta manipular normas e relações sociais para seu proveito próprio. A rede de relações na qual uma pessoa nasce e que constrói, que tenta manipular e através da qual é manipulada, não é somente a fonte de seus problemas sociais, também fornece a matéria-prima com a qual deve resolver seus problemas”.<sup>19</sup>

Assim, pode-se ter um prognóstico menos pessimista com relação à fadada extinção das olarias e dos oleiros. Pois se as redes de relações não se destróem apesar das fragmentações impostas a ela, há uma resistência, e no caso dos oleiros ligada a não-extinção. A matéria-prima aqui utilizada para a resolução desses problemas passa pelo redimensionamento da função dos objetos, esquematizando “novos usos”.

Descolado do ambiente utilitário, os objetos de barro cozidos saem do uso necessário, até o rearranjar-se - o enfeite. O uso dos artefatos de barro não é mais corrente nas práticas diárias, mas quem já não ouviu a expressão: “nada como uma feijoada feita numa panela de barro...tem um gosto todo especial!” Com certeza esta máxima deve ter sido inventada por um oleiro! O certo é que acaba criando-se uma expectativa, esse “gosto especial” é reavivado a cada nova feijoada e apresentado a cada novo amigo como uma tradição, reforçando os “nós” dessa rede, ampliando-a e

---

<sup>19</sup>BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: BIANCO, Bela Feldman (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. S.P.: Métodos. Ed. Global Universitária. 1987.

dando-lhe resistência. Hobsbawn, analisando o sentido da tradição, contribui: “os objetos e práticas só são liberados para uma plena utilização simbólica e ritual quando se liberam do uso prático”<sup>20</sup>.

Assim, as redes de relações se expandem, e na manipulação das mesmas são encontrados novos fios que formam novos “nós”, ampliando, conseqüentemente, a capacidade de retenção de novos espaços. É neste sentido que o turismo “entra na rede”, pois é verificado pelo próprio oleiro como um espaço de grande importância na demanda de seus produtos. Deste modo, é preciso avaliar como o turismo, enquanto “espaço de lazer, tanto quanto espaço cultural, é um espaço social”<sup>21</sup> onde se entabulam redes de relações, favorecendo ainda o crescimento de uma cultura artesanal.

Verificado a partir de 1940, mas percebido preocupadamente na década de 1970, - o processo de extinção das olarias torna-se público: várias oficinas fecham suas portas. As que resistiram elaboraram esses esquemas de ação. Perceber, então, estes “esquemas” e sua importância na sobrevivência das olarias, dos homens e das mulheres que viviam deste ofício, é o que pretendemos com esta pesquisa. À invisibilidade de uma

---

<sup>20</sup>HOBSBAWN. Eric. A invenção das tradições. S.P.: Paz e Terra.

<sup>21</sup>DUMAZEDIER. Joffre. Lazer e cultura popular. S.P.: Ed. Perspectiva. 1973.

atividade desqualificada, pretendemos contrapor a publicidade desse saber que a memória conservou na fala e na imagem do gesto - que também fala.